

*o físico prodigioso*  
*Jorge de Sena*

**ILUSTRAÇÕES** *Mariana Viana*



# *o físico prodigioso*

*Jorge de Sena*



Três Sinais



GUERRA & PAZ

**TÍTULO:** *O Físico Prodigioso*

**AUTOR:** Jorge de Sena

© Herdeiros de Jorge de Sena e Guerra e Paz, Editores, S. A., 2017

Os direitos da pintura de Mariana Viana

pertencem à respectiva autora.

Reservados todos os direitos

A presente edição não segue a grafia do  
novo acordo ortográfico.

**FIXAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO:** Ana Salgado

**DESIGN DE CAPA E PAGINAÇÃO:** Ilídio J.B. Vasco

**ILUSTRAÇÕES:** Mariana Viana

**DIGITALIZAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES:** Fine Print

**ISBN:** 978-989-702-340-8

**DEPÓSITO LEGAL:** 433157/17

**1.ª EDIÇÃO:** Novembro de 2017



**GUERRA & PAZ**

GUERRA E PAZ, EDITORES, S. A.

R. Conde de Redondo, 8-5.º Esq.

1150-105 Lisboa

Tel.: 213 144 488

Fax: 213 144 489

E-mail: guerraepaz@guerraepaz.net

www.guerraepaz.net



**VASP**

DISTRIBUIÇÃO

VASP – DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES, S. A.

Venda Seca – Agualva / Cacém

TEL.: 214 337 000 | www.vasp.pt

# *o físico prodigioso*

*Jorge de Sena*

**ILUSTRAÇÕES** *Mariana Viana*

## NOTA DO EDITOR

Jorge de Sena foi o primeiro autor da Três Sinais, editora que hoje, como colecção de *beaux livres*, faz parte do património da Guerra e Paz, Editores. É, por isso, com muito orgulho que nela agora se inclui *O Físico Prodigioso*. Como acontece com outras obras da colecção, o texto de Sena, «modelo superlativo do conto fantástico português», é acompanhado por 21 ilustrações de Mariana Viana. O livro tem igualmente as marcas artesanais da colecção: uma capa articulada em quatro pastas (ou painéis, se quisermos fazer justiça às ilustrações que são o seu conteúdo), pastas revestidas a papel *couché* de 135 gramas, plastificado a dourado, e a pintura das faces do miolo à mão são a forma que a Guerra e Paz encontrou para, num tempo de mudança do paradigma do livro, reforçar a singularidade de uma obra de conteúdo audacioso e perturbador.

Decisiva para a viabilização desta edição foi Isabel de Sena, filha de Jorge de Sena, curadora da sua obra. Acolheu com entusiasmo a sugestão do editor para a presente edição, tendo acompanhado cada passo do processo editorial. A sua forma larga e generosa de ver o livro foi um estímulo e uma inspiração que o editor muito lhe agradece.

O editor agradece também a Mariana Viana a coragem de se envolver neste projecto, enfrentando sem temor as limitações de tempo que balizaram a concepção e desenvolvimento desta edição.

# PEQUENA NOTA INTRODUTÓRIA

Este *O Físico Prodigioso* teve a sua 1.<sup>a</sup> edição, quando foi incluído em *Novas Andanças do Demónio*, colectânea de contos meus publicada em 1966, a segunda, precedida que havia sido por *Andanças do Demónio* em 1960, e seguida que foi em 1976 por *Os Grão-Capitães*. Descoberto como «conto fantástico» por E. M. de Melo e Castro, foi incluído na reedição, por ele preparada, da *Antologia do Conto Fantástico Português*, Lisboa, 1974. Tal inclusão pode dizer-se que constituiu uma reedição do texto. Agora que aqueles meus três livros de contos estão todos esgotados ou em vias disso, aquele «físico» (ou médico ou mágico, no sentido medieval e ainda ulterior do termo) que eu criei como símbolo da liberdade e do amor, quando escrevi dele em 1964, em Araraquara, no Brasil, retoma enfim a sua independência que por duas vezes não pôde ter (a primeira por necessidade, a segunda por distinção), e sai sozinho pelos caminhos do mundo, tal como aparece na narrativa que é sua. Assim, esta edição isolada é, ao mesmo tempo, uma 3.<sup>a</sup> edição do texto, e como que uma sua primeira, segundo sempre foi meu desejo, e acho que ele merece. Sem que queira fazer comparações, ocorre-me que lhe cumpre andar sozinho nas mãos dos leitores, como sucedeu com o

ilustre *Malhadinhas* de Aquilino Ribeiro, saído também das páginas do livro de contos em que primeiro aparecera.

Isto tudo implica algumas explicações que serão curtas e sucintas. Quando da primeira publicação, eu não podia hesitar em aproveitar a oportunidade editorial de ver impressa uma segunda colectânea de contos, que a Portugália Editora me oferecia, visto que, naqueles tempos, como até tempos muito recentes (e ninguém me garante que os ventos não mudem), comigo em exílio praticamente absoluto, as editoriais, com um par de honrosas excepções, como a Portugália e a Moraes, não queriam saber de mim (e não haviam ainda aparecido outras que me desejariam entre os seus editados). Portanto, *O Físico Prodigioso*, com as suas dimensões e a sua estrutura de *novela* (classificação que temos o direito de usar em português, pois que a possuímos, no mesmo sentido em que os alemães se acham originalíssimos com a sua *novelle*, como os russos com o seu *povest*), não teve outro remédio que não juntar-se aos seus irmãos mais breves, para não ficar na gaveta de onde era alguma audácia tirá-lo (e alguma coragem editorial o publicá-lo então), naqueles tempos de censura rigidamente moralística que o descarado pan-erotismo do «físico» podia chocar, caso a não chocassem as implicações fundamente revolucionárias e subversivas da narrativa inteira.

Da segunda vez, quando Melo e Castro me pediu autorização para incluir o texto na reedição revista daquela antologia cuja primeira edição não havia sido sua, aceitei gratamente, menos por mim que por amor desse «físico», meu muito bem-amado filho entre outros, e



que sempre tive por como que um «alter ego». Mas, ao autorizar a inclusão, eu não sabia que o antologista declararia o texto como «modelo superlativo do conto fantástico português em moldes clássicos, sendo construído sobre duas histórias fantásticas tradicionais (populares?)». Quem é que não ficaria rendido, lisonjeado e grato com estas palavras? Eu fiquei. Mas não menos desejaria, na presente oportunidade, discuti-las um pouco. «Modelo», não creio que a minha novela o possa ser para alguém fazer uma coisa parecida, a não ser no fundir com a invenção própria muito do mais profundo da natureza humana (se tal coisa existe), muito do que é parte do inconsciente colectivo e comum a várias civilizações, muito do que é efectivamente «popular» ou o foi (e como tal ainda *significa*). Por outro lado, mais me parece que «modelo superlativo» está a funcionar como um sintagma indicando o carácter fora do comum, qualitativamente e quanto às suas características fantásticas, da narrativa em questão. Quanto a «moldes clássicos», permito-me discordar — nada há de «clássico» nesta criação minha, literariamente falando, a não ser que duas breves *estórias* do quatrocentista e anónimo *Orto do Esposo* (obra medievalizante, colectânea de «exemplos») possam servir de suporte a «clássico» por sê-lo quanto seja antigo e tenha dado entrada no panteão das letras. Ao primeiro publicar a novela, eu indicara em notas a ela essas duas histórias ou exemplos, como «fontes». Mas, na verdade, eu fi-lo apenas porque sempre gosto de anotar tais coisas que muitos outros não mencionam, e não porque essas histórias — basta lê-las como vão transcritas nesta reedição em que as mesmas notas se imprimem — sejam mais que, uma delas, o arranque de apenas parte do início

da minha narrativa (logo divergente e endemoninhada), e outra o suporte de um episódio no desenrolar-se dela. Nós não sabemos se as histórias eram tradicionais, em popular sentido, quando foram usadas pelo anónimo colector do *Orto* (a questão da autoria do livro não vem para aqui), e creio que não sabemos se passaram a sê-lo. Ele, por certo, as colheu daqui e dali, em fontes escritas, como se fazia. E o mito de que fossem «populares» (confundido com «tradicional») foi invenção de Teófilo Braga, como indico nas minhas notas, ao incluir ele vários exemplos, *tirados* do volume ainda inédito ao tempo (1883), nos seus *Contos Tradicionais do Povo Português* — desvarios romântico-positivistas do grande historiador da literatura, que uma actualizada cultura política e histórico-literária deve repudiar. Que o «desenterrador» do meu «físico» me perdoe estes comentários, tanto mais que, ao terminar a longa introdução, dizia, exactamente como eu desejava que se sentisse, que a história era *tenebrosa/belíssima*, e anotava certos aspectos do seu experimentalismo formal. Também este experimentalismo — e poucas das minhas histórias e de contemporâneos meus o terão tanto como esta minha — afasta *O Físico Prodigioso* de qualquer conceito de «clássico», que não seja o daquilo que tal se torna. Com efeito, o experimentalismo narrativo, jogando com o espaço, o tempo, a repetição variada do texto, etc., é uma das bases essenciais desta novela, como o é a Idade Média ou algo de semelhante, fantástica, em que a situei. Esta «época», dando-me uma distância «pseudo-histórica», permitia-me uma liberdade da imaginação em que o fantástico, com todas as implicações eróticas e revolucionárias como eu sentia ferver em mim na pessoa do «físico», podia ser usado para

tudo. Por isso, e num sentido interior, eu já uma vez disse que pouco do que eu alguma vez escrevi é tão autobiográfico como esta mais fantástica das minhas criações totalmente imaginadas. Igualmente me permitiu, como atmosfera, e para reforçar o tom poético da narrativa (que poderíamos dizer que é uma *epopeia em prosa*), inserir numerosos elementos supostos tradicionais, que todavia são criação minha, como cantigas de amigo e «romances».

E basta de explicações, uma vez que *O Físico Prodigioso*, ao que posso deduzir da fé que tenho nele e que outros igualmente têm tido, sabe perfeitamente viver ou morrer (para mais viver) inteiramente por si mesmo, sustentado pela força do amor que tudo manda, e pelo ímpeto da liberdade que tudo arrasa.

Santa Bárbara, Califórnia, Março de 1977

Jorge de Sena

P. S. — Revejo estas provas, quando de passagem em Lisboa, dois meses depois de escrita a nota anterior, e poucos dias após a publicação, no *Diário de Notícias*, de 12 de Maio, do artigo que João Gaspar Simões houve por bem dedicar às *Andanças* e *Novas Andanças do Demónio*, com palavras de fina sensibilidade e inteligente compreensão, e sobretudo em termos de valorização desses dois livros e muito especialmente deste «físico prodigioso», os quais excedem quanto, em juízo valorativo, um autor possa sonhar para obra sua. Este P. S. não podia deixar de ser aqui gratamente consignado.



J. de S.



*Para um entrar na contemplação  
adquirida, basta-lhe o que basta para o  
estado dos que meditam, isto é, andar  
em graça de Deus, ao menos não tendo  
consciência de pecado mortal [...]*

PADRE MANUEL BERNARDES  
*Da Contemplação Adquirida*

*Je pisse vers les cieux bruns très haut  
et très loin — Avec l'assentiment des  
grands héliotropes.*

RIMBAUD  
*Oraison du Soir*





I



*Balanceando o  
corpo ao passo do*

**B**alanceando o erecto corpo ao passo do cavalo, vinha descendo a encosta. O sol, muito alto ainda, iluminava de crepitações o vale que, selvático, se abria ante o seu olhar que pervagava abstracto, sem distinguir o mato que floria, as pedras que rebrilhavam pardas e cinzentas, os pequenos animais que esvoaçavam, corriam, rastejavam, ou se ficavam suspensos, sem temor, fitando a mole imensa e caminhante de cavalo e cavaleiro. No fundo do vale, por entre os renques de choupos e salgueiros, entrecortada estava a chapa metálica e estreita de um rio. Foram para ele descendo, o cavaleiro, na mesma distracção absorta, sofrendo o passo, que se apressava agora, do sedento cavalo, cujas narinas se dilatavam. O manso ruído de águas entre seixos e o suave dançar das folhas do arvoredado ao sopro de uma brisa ténue fizeram que o cavaleiro despertasse para o calor que sentia, o cheiro acre de suor e pó, que dele e do cavalo era mistura, e um cansaço dos membros e da boca seca. Ele próprio dirigia a descida, buscando com os olhos uma sombra que estivesse à beira de onde o rio corresse mais límpido e profundo. E o seu olhar, agora, já não pervagava, mas fito e dardejante perscrutava os recantos marginais do rio, que na verdade pareciam desertos; e os ouvidos, igualmente atentos, habituados a acompanhar os olhos em tais pesquisas, também não distinguiram, sob o arrulhar das águas e o restolhar macio do arvoredado, qualquer ruído que humano fosse. Respirou fundo, no antegosto do banho prolongado e do repouso à